

Embaixador fala de FHC na Inglaterra

O embaixador do Brasil na Inglaterra, Rubens Barbosa, escreve a respeito da nota, aqui publicada, sobre a viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso a Londres. A nota cordial do embaixador contempla aspectos da viagem que, antes desconhecidos, motivaram as críticas ao excessivo aconchego de um social-democrata — no caso do presidente brasileiro — aos conservadores britânicos. Eis a versão de Rubens Barbosa:

“A ex-primeira-ministra Margaret Thatcher encontrou-se com o presidente Fernando Henrique Cardoso durante almoço na residência da embaixada, ao qual compareceram várias outras personalidades da vida política, empresarial e acadêmica do Reino Unido, inclusive um

membro da Família Real, o Duque de Kent. A ex-chefe de Governo foi incluída entre os convidados ao almoço pelo fato de ter visitado o Brasil em 1993 e, pelo grande interesse que tem demonstrado em relação ao nosso país, sobretudo no que tange à implementação das reformas econômicas em curso. Embora hoje afastada do governo, o prestígio internacional de que desfruta e, principalmente, a autoridade que lhe é reconhecida, pelo papel desempenhado para o êxito de programas como o da privatização, a tornam indiscutivelmente interlocutora de interesse.

O fato de a ex-primeira-ministra ser considerada como pertencente a determinada corrente política na Grã-Bretanha não impediu que, dentro do melhor espírito democrático, a embaixada convidasse para o mesmo almoço personalidades como o professor Ralf Dharendorf, notável cientista político, autor de vários trabalhos importantes sobre marxismo e a socialdemocracia; é companheiro antigo de vida acadêmica do presidente Fernando Henrique Cardoso e hoje dirige o Saint Anthony's College, em Oxford, onde pretende criar um Centro de Estudos brasileiros.

Outro aspecto da visita que merece registro

foi o anúncio da decisão da prestigiosa London School of Economics and Political Science de conceder ao presidente da República o título de doutor *honoris causa* pela importância de sua contribuição aos estudos sociológicos e sobre o tema do desenvolvimento.

Chegou a ser cogitado um encontro do presidente com o líder da oposição trabalhista, Tony Blair, o qual não pôde se realizar em vista da programação extremamente ajustada. O presidente ficou apenas 2 dias em Londres, onde veio a convite do governo para participar das celebrações do Dia da Vitória, e teve encontros com banqueiros, investidores, representantes da mídia e o próprio primeiro-ministro, que recebeu para conversações bilaterais apenas outros quatro chefes de Estado ou Governo, entre 52 presentes às cerimônias oficiais. Devo ressaltar que as relações da embaixada com o Partido Trabalhista são muito estreitas. Tenho mantido contatos com membros do Shadow Cabinet, como Robin Cook e Jack Cunningham (este, aliás, tem convite oficial do Itamarati para visitar o Brasil), e a Embaixada do Brasil tem comparecido regularmente às conferências anuais do Partido Trabalhista.

Quanto às perspectivas eleitorais na Grã-Bretanha e a situação do atual governo conservador, valeria lembrar que as eleições devem-se realizar até 1977, quando termina o atual mandato do Parlamento. Teoricamente, há a possibilidade de serem convocadas antes desse prazo. O importante é que a condução das relações entre o Brasil e a Grã-Bretanha, que tem experimentado notáveis progressos, está acima de qualquer circunstância partidária.

Sobre a conversa do presidente com o primeiro-ministro John Major, não houve absolutamente nenhum tom de exigência no que diz respeito à reforma do Conselho de Segurança. Muito pelo contrário. Foi o próprio Major que tomou a iniciativa de levantar tanto a questão da reforma das Nações Unidas quanto a da reforma das instituições de Bretton Woods, tendo pedido a opinião do presidente Fernando Henrique.

Achei oportuno transmitir-lhe essas informações, que demonstram, como você concordará, que nem o presidente foi levado a navegar por mares incertos, nem se descurou da sua imagem.”